

Onda Dia e Noite, de Fernanda Galvão



DANÇAR COMO RISCO, BEIJAR O CAOS

A convite da ABERTO, a artista Regina Parra escreve sobre o trabalho de Fernanda Galvão, ressaltando sua coragem em abraçar a intensidade e explorar novos e misteriosos mundos com paixão e precisão

F

G

Fernanda foi minha aluna na FAAP e também no Acompanhamento de Pintura que coordenei com Rodolpho Parigi. Já naqueles anos, era impossível não reconhecer nela um espírito de artista: Fernanda era puro desejo, puro salto, puro mergulho. Havia uma coragem muito particular em seu modo de se lançar – ir além, além, além – como quem confia no risco não como ameaça, mas como método. Com o tempo, essa potência foi se tornando cada vez mais assertiva. Fernanda foi lapidando formas, cores e composições até traduzir suas pulsões com a precisão de uma grande pintora. Hoje, suas pinturas carregam aquilo que todos nós, artistas, buscamos e perseguimos: “esse movimento preciso quando o tempo for propício”, como canta Caetano Veloso.

Há uma energia e exuberância sem concessões no trabalho de Fernanda. As decisões são claras, assumidas. Não existe titubeio, não existe reticência: o que reina é a ameaça da intensidade. Talvez por isso suas pinturas conversem tão intimamente comigo – como ávida amante de Nietzsche e Deleuze, eu só acredito numa vida regida pela intensidade. E, como sua autora, posso dizer que as pinturas de Fernanda são corajosas. O traço e a pincelada são mais que gestos: são testemunhas, marcas permanentes da dança de um instante simultaneamente solto e decidido. As cores, inapologéticas, não pedem licença – elas se proclamam, transbordam, ocupam.

O conjunto de todos esses elementos cria uma rara sinfonia entre dentro e fora. De um lado, a superfície que atua como canto da sereia: convida, seduz e conforta. De outro, o mistério do mergulho: as profundezas desconhecidas, inabitadas, onde algo em nós é testado e transformado. As cores sustentam esse jogo de simultaneidades; confortam e desafiam ao mesmo tempo. E é um dos fascínios da arte – da boa arte – nos permitir habitar duas verdades simultâneas, dois (ou mais) lugares de uma só vez.

Lua Mamão é lugar-fruta, lugar-delícia: pura invenção e volúpia. Suas múltiplas superfícies abrem caminhos e complexidades próprias, percursos possíveis dentro desse lugar impossível. Em *Ovo de Peixe*, o carmim e o magenta reenfatizam a vitalidade de um ovo de três metros de comprimento, que parece, ainda assim, não caber na própria medida e transbordar para além da tela. Revela a explosão do porvir que traz, simultaneamente, a força do ovo e a fluidez do peixe – lide com isso. Em *Dois Luas*, um espaço estelar se anuncia, mas a atmosfera é de terra e água; a paisagem se faz híbrida, anfíbia, como se o céu e o chão compartilhassem a mesma respiração.

E então o azul ultramar – um azul que carrega, em si, uma história de escassez e reverência. “Ultramar” vem do latim medieval e do italiano “ultramarinus, oltramarino”, significando “de além-mar” – é o nome de um pigmento que atravessava mares e rotas até chegar à Europa quase como um tesouro em pó. A raridade do ultramar natural não era só o fascínio pela cor, mas uma equação concreta de geologia, distância e trabalho. Ele nascia do lápis-lazúli, extraído historicamente em regiões remotas como Badakhshan, no atual Afeganistão.

Mas nem toda pedra azul rendia um pigmento digno desse nome: a rocha traz impurezas, e o azul mais intenso vinha apenas de uma fração específica. Além disso, o preparo era um ritual artesanal de baixo rendimento: triturar, misturar com resinas, óleos e ceras, aquecer, lavar e separar repetidas vezes até isolar as partículas mais azuis. Não por acaso, por longos períodos, o ultramar foi tratado como metal precioso, às vezes comparado ao ouro, e reservado ao sagrado, ao que merecia devoção.

Nas pinturas de Fernanda, porém, esse azul não veste o manto de santos nem acompanha martírios. Ele desloca o sagrado e consagra a própria paisagem. Uma paisagem rara, quase utópica, que corajosamente

“Fernanda nos apresenta esse desconhecido e nos convida a mergulhar nele – talvez porque o conhecido esteja, hoje em dia, saturado demais; talvez porque o real seja real demais, duro demais, impositivo demais”

beija o caos — e, ainda assim, como um funâmbulo, se equilibra no risco dessa dança, na beira do abismo, sem ceder. E quando esse abismo aparece em suas telas, ele não vem acompanhado de medo, mas de encanto. Fernanda nos apresenta esse desconhecido e nos convida a mergulhar nele – talvez porque o conhecido esteja, hoje em dia, saturado demais; talvez porque o real seja real demais, duro demais, impositivo demais. O que ela nos oferece é um lugar de fluidez, invenção e volúpia que seduz apesar de todos os riscos: um convite à imaginação de outros mundos possíveis.

Lembro aqui de Hélio Oiticica e da ideia do artista como propositor. Em tempos de crise, quando tudo parece sem saída, talvez o papel do artista não seja apenas espelhar o caos – isso é só reação. Artistas como Fernanda têm coragem e sutileza para imaginar o impossível: criar mundos, abrir condições de habitar o inabitável, alargar nosso estar no mundo e, assim, criar espaço para que uma nova situação surja. Estamos em tempos extremos e urgentes; e a imaginação é arma potente. O possível no impossível, o impossível no possível. O caminhar do funâmbulo. O dançar do vaga-lume. O porvir do ovo.

Num mundo autoritário, escolher a potência – as potências – em vez do poder. Insistir e acreditar, com corpo e espírito, na beleza como ferramenta de transformação.

É bonito demais para mim, anos depois, ver a exuberância do trabalho de uma ex-aluna que agora inverte os papéis – e agora ela me ensina ela novas maneiras de habitar e estar no mundo.

Obrigada, Fernanda.



Duas Luas, de Fernanda Galvão

